

Comunicação & Educação: 20 anos.

Uma trajetória para consolidar o campo da Educomunicação no Brasil

Adilson Citelli

Professor titular do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP, onde ministra cursos de graduação e pós-graduação. Orienta dissertações e teses nas áreas de Comunicação e Linguagem, com ênfase nas subáreas Comunicação/Educação, Comunicação/Linguagem. É coeditor da revista Comunicação & Educação, bem como pesquisador 1 C do CNPq e autor de inúmeros artigos e livros.

E-mail: citelli@uol.com.br

Resumo: Este artigo apresenta a experiência de criação, implantação e difusão da revista *Comunicação & Educação*. Trata-se do periódico acadêmico com mais larga tradição no Brasil para o debate envolvendo as interfaces Comunicação e Educação. Em suas páginas, foram publicadas, desde o primeiro número em 1994, relevantes contribuições de pesquisadores e pensadores dedicados ao campo da Educomunicação. Ao completar 20 anos, a revista continua sendo uma fonte fundamental de pesquisa e circulação de materiais que pensam os vínculos entre Comunicação e Educação. Neste texto-balanço de aniversário, buscar-se-á recuperar a trajetória da *C & E* mostrando as suas fases, circunstâncias de publicação, repercussões e inserções no debate intelectual afeito à área à qual está dedicada. E também anunciar uma nova fase da revista, que a partir do presente número ganha, também, o formato eletrônico livre, disponível em: <<http://revistas.usp.br/comueduc/index>>.

Palavras-chave: revista *Comunicação & Educação*; Educomunicação; trajetória; conhecimento; divulgação científica.

Abstract: This paper presents the experience of creation, implementation and diffusion of the journal *Communication & Education*, the most traditional journal about the interfaces between Communication and Education. Since the first issue in 1994, significant contributions have been published on the journal's pages, from researchers and thinkers dedicated to the Educommunication field. Completing 20 years of existence, the journal remains a key source of research and circulation of material reflecting on the relationship between Communication and Education. In this text, which makes an anniversary balance, we aim to recover the paths of the *C & E* journal, presenting its phases, publication circumstances, repercussions and insertions in the intellectual debates on the field the journal is dedicated to. Besides, we announce a new phase of the journal, which is its digital version, available at: <<http://revistas.usp.br/comueduc/index>>.

Keywords: *Communication & Education* journal; Educommunication; path; knowledge; scientific dissemination.

Recebido: 19/11/2013

Aprovado: 09/12/2013

1. INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XX passou por enormes mudanças no ritmo, extensão e profundidade dos sistemas e processos comunicacionais. Tais mudanças ocorreram no âmbito sociotécnico, vale dizer, ao mesmo tempo em que novos equipamentos de comunicação eram incorporados ao cotidiano das pessoas, as relações sociais conheciam arranjos que reorientavam as sociabilidades, os modos de ser e existir, as percepções do tempo e do espaço. O movimento alcançou instituições tradicionais como a escola, requisitando dos educadores novas propostas e alternativas para responder ao quadro histórico suscitado pelas demandas sociotécnicas. Fatores de tal ordem, mas também alguns de natureza diretamente política, conforme o ocorrido na América Latina ao longo de mais de uma década de ditaduras, levaram a que se intensificassem as preocupações vinculadas às interfaces comunicação/educação e ascendesse à arena do debate intelectual e das ações sociais interventivas uma perspectiva, para alguns um campo ou nova área de conhecimento, a Educomunicação. O termo não é de hoje, tendo sido formulado pelas passagens dos anos 1970-1980 por Mario Kaplún. O neologismo, contudo, vem tomando novos contornos e expandindo a sua área de abrangência semântica.

Essas ponderações, de certo modo, situam o ambiente histórico e cultural que serve de referência para a implantação da revista *Comunicação & Educação*, motivo central deste artigo. O que buscamos apontar ao longo do texto, afora alguns indicadores factuais e funcionais, é o desenvolvimento, através de ensaios, depoimentos, análises, entrevistas, publicadas pela revista durante alguns anos, como foram desdobrados determinados conceitos, ideias e práticas atinentes às inter-relações comunicação-educação, ou, simplesmente, educomunicação.

Ao insistirmos na importância da *Comunicação & Educação* para formular e repercutir, no Brasil, as demandas por uma educação de qualidade, em diálogo inescapável com a centralidade estratégica da comunicação, evidenciamos como o debate acadêmico, orientado por pesquisas originais, capacidade de propor iniciativas inovadoras, procedimentos de divulgação qualificada, pode trazer significativa contribuição no avanço dos processos sociais, nos valores da cidadania, na melhoria das condições de vida e trabalho da população.

2. CONTEXTO

Comunicação & Educação publicou o seu primeiro número em 1994, mantendo-se, afora ajustes requisitados pelo tempo e por circunstâncias editoriais, com periodicidade regular de três números ao ano, com tiragem média de mil exemplares, passando, a partir de 2010, para semestral. Em 2013, além de publicação física em tiragem menor, a revista, como parte da comemoração dos seus 20 anos, ganhou, também, formato eletrônico, de acesso livre¹.

A *C & E* resultou da iniciativa de um grupo de professores do Departamento de Comunicações e Artes, da Escola de Comunicações e Artes da USP²,

1. O acervo integral da revista pode ser acessado gratuitamente em: <www.revistas.usp.br/comueduc/issue/archive>.

2. O grupo pioneiro era composto pela Prof. Dra. Maria Aparecida Baccega, a primeira editora, que desempenhou papel fundamental para o sucesso da iniciativa. Foi dela a ideia de buscar uma casa editorial reconhecida e com forte capacidade para produzir e, sobretudo, distribuir a revista. A empresa editora que aceitou partilhar do projeto foi a Moderna, por seu então editor Sergio Couto. Na criação da revista, junto com Maria Aparecida Baccega, estavam os seguintes professores doutores do Departamento de Comunicações e Artes: Adilson Citelli, Ismar de Oliveira Soares, Maria de Lourdes Motter, Mary Enice Ramalho de Mendonça, Solange Martins Couceiro de Lima e Virgílio Noya Pinto. Em período posterior, a editoria foi assumida pela Profa. Dra. Maria Cristina Castilho Costa. Em sua fase atual, dividem a função de editor, os Profs. Drs. Adilson Citelli e Roseli Fígaro. *C & E* surgiu ligada ao curso de especialização em Gestão dos Processos Comunicacionais, do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP e, a partir de 2011, passou a ser de responsabilidade exclusiva deste. Além da editora Moderna, foram parceiros da revista, em diferentes momentos, as editoras Segmento, Salesianas e Paulinas – esta por um período que foi até 2013.

preocupado em fazer frente a dois desafios centrais articulados e postos sob perspectiva política amadurecida no bojo da luta contra a ditadura: a educação pública de qualidade e a democratização da comunicação. De um lado, encontravam-se os modelos comunicacionais centralizados, unidirecionais, ainda carregados dos vícios trazidos do regime autoritário, tendo a censura na linha de frente; de outro, a presença da educação propedêutica, transmissivista, enciclopédica, claramente em distonia com os rearranjos sociais e culturais que marcavam a sociedade brasileira e na qual os próprios meios de comunicação não apenas ampliavam a sua presença como modificavam os seus sistemas e dispositivos – estávamos sendo confrontados, ao menos nos circuitos das universidades, com a expansão dos computadores e da internet.

Nesse contexto, aproximar comunicação e educação, conforme experiências em andamento dentro e fora do Brasil, tornou-se fundamental, sobretudo porque existia a clara percepção segundo a qual seria cada vez mais difícil falar em processos educativos desconsiderando os dispositivos e as linguagens comunicacionais. Do mesmo modo, não se poderia esquecer o determinativo constitucional que no Brasil proclama ser obrigação dos meios de comunicação prover informação, entretenimento e educação.

O problema é que existiam e de certo modo continuam a existir dificuldades em trazer a comunicação para a educação e vice-versa. Os motivos são de várias ordens, bastando apontar aqueles afeitos à formação inicial dos professores. Os programas de licenciatura dispensam atenção muito limitada ao trabalho envolvendo os processos de comunicação na escola, de sorte que os docentes, ao concluírem os cursos e iniciarem carreira no magistério, carregam consigo inseguranças para ativar propostas de atividades que incluam suportes e dispositivos não referidos, tradicionalmente, ao universo da escola: lousa, giz, livro didático etc. E quando equipamentos como televisão, rádio, computadores e, mais recentemente, a internet, são disponibilizados, tendem a ser subaproveitados, pela falta de expertise para explorar as possibilidades que tais dispositivos e suas linguagens oferecem ao processo de ensino-aprendizagem. No miolo destes desencontros estão os conhecidos fatores de desestímulo ao trabalho docente, manifestados nos baixos salários, condições materiais insuficientes para o bom desempenho profissional, desprestígio social, além de limitada oferta de cursos voltados à formação continuada e que, no limite, poderiam funcionar como instâncias compensatórias das fragilidades existentes em muitas licenciaturas.

Para o grupo que criou a *C&E*, a questão acima não dizia respeito, porém, apenas a um restrito recorte operacional contido na quadradura dos domínios técnicos. Tratava-se de problema mais amplo, pois envolvido diretamente com o próprio lugar social e cultural da comunicação nos finais do século XX. Aqui não é o espaço nem a hora para estender considerações acerca do caráter estratégico da comunicação, conforme lembrado por Jesús Martín-Barbero, da dimensão de arena pública ou ágora social, segundo formulado por Jürgen Habermas ou Octavio Ianni, das configurações sociotécnicas do polo informático-mediático, consoante à conhecida assertiva de Pierre Lévy. O

cenário comunicacional e seus alcances, possibilidades e consequências para o nosso tempo vêm sendo estudados, sob enfoques às vezes diferentes, por uma série de autores, a exemplo dos acima indicados, mas que poderiam ser reforçados seja pelas tendências abrigadas no espectro amplo da teoria crítica, seja pelas incursões pós-modernas da chamada cibercultura. O que nos importa é apenas situar um quadro da comunicação já constituído nos anos 1990 e que, necessariamente, precisaria ser tomado como referência a fim de se adentrar nos circuitos da educação. Jesús Martín-Barbero, atualizando leituras que partiram de Walter Benjamin, sobretudo nas *Passagens parisienses*, indicaria, pelos meados de 1990, como em decorrência da centralidade da comunicação na vida cotidiana, os jovens estavam apresentando um novo *sensorium*³, com outras maneiras de ver, sentir, perceber, compreender. Em certa medida, tais mudanças decorriam da convivência com as formas de organizar o tempo, o espaço, o ritmo, as relações com as imagens etc., permitidas pelos diferentes dispositivos comunicacionais e suas linguagens.

O segundo desafio mencionado diz respeito ao próprio sistema de comunicação, tanto aquele dirigido diretamente às questões educativas formais e não formais como o de natureza comercial, que mantém maior distância no concernente ao assunto em tela (a rigor, como já lembrado, os meios de comunicação têm o dever constitucional de incluir em sua programação temas educativos, malgrado tal determinação quase sempre conheça a mesma força da letra morta). Nesta vertente, se abria um tópico importante para o ângulo de interesse do grupo fundador da *Comunicação & Educação*: consistia em pensar o tipo de tratamento a ser dispensado aos jovens estudantes de Comunicação e mesmo aos profissionais já em atividade na área, que iriam se envolver ou já estavam envolvidos com os fazeres educativos – diretores, roteiristas, técnicos etc. – e cuja atuação dizia respeito, por exemplo, às redes de TVs e rádios educativas, aos sistemas dedicados à educação a distância.

O Brasil acumulara experiências importantes na educação mediada por dispositivos como rádio ou televisão. Desde a década de 1930, com a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, passando, em 1937, pela criação do Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação, indo aos anos 1960 com o empreendimento de ações sistemáticas com EaD, a instalação das TVs educativas, até a criação entre 1966 e 1974 da Associação Brasileira de Tele-Educação, do Programa Nacional de Tele-Educação – que fortaleceu o Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa (SINRED). Nos anos 1980, são ampliados os projetos de educação continuada dos educadores em serviço, calcados nos sistemas a distância, graças a programas como o Projeto Ipê, gerado pela TVEducativa junto com a Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, que objetivava o aperfeiçoamento e a atualização do magistério de 1º e 2º graus. Nos anos 1990, a Fundação Roquete Pinto, a Secretaria Nacional de Educação Básica e secretarias estaduais de Educação implantaram o Programa de Atualização de Docentes, abrangendo as quatro séries iniciais do ensino fundamental e alunos dos cursos de formação de professores. Na segunda fase, o projeto ganhou o título de “Um salto para o

3. MARTÍN-BARBERO, Jesús. Heredando el futuro. Pensando la educación desde la educación. *Nómadas*. Bogotá: Universidad Central, 1996, n. 5.

futuro”. Na mesma linha de formação permanente dos professores e visando a fornecer materiais audiovisuais para o trabalho do docente em sala de aula, nos meados de 1990 foi implantada a TVEscola. Em período recente, tais programas de formação permanente vêm se utilizando dos sistemas digitais. Enfim, a despeito de tal cenário, permanece o problema de profissionais que trabalham nos meios de comunicação não terem, necessariamente, conhecimento interno dos processos educativos.

Em certa medida, *Comunicação & Educação* procurava enfrentar tais desafios buscando traduzi-los em materiais teóricos, pesquisas e relatos de experiências capazes de facilitar os diálogos entre os novos requisitos postos à educação e o caráter de centralidade assumido pela comunicação. A retomada, ampliação e aprofundamento do conceito de Educomunicação podem ser encontrados no interior deste conjunto de preocupações da *C & E*.

3. ESTRUTURA

A revista nasceu sob a égide de um projeto editorial novo no Brasil, tanto pelas suas características temáticas como pelas preocupações com periodicidade, rigor na seleção dos materiais publicados, inovação no projeto gráfico, parceria com uma editora de grande porte e com plenas condições de garantir distribuição nacional e internacional do periódico. Buscava-se, pois, ao mesmo tempo, controle na qualidade acadêmica e viabilidade econômica, binômio que, muitas vezes, por caminhar separado na órbita dos periódicos universitários, resulta na descontinuidade das publicações.

Tendo em mira, fundamentalmente, promover as inter-relações comunicação/cultura/educação, a revista trazia como preocupações para o debate os seguintes pontos⁴:

- 1) os meios de comunicação estão nas salas de aula, quer das escolas dotadas de aparato tecnológico mais sofisticado (que agrega estudantes de maior poder aquisitivo) quer das consideradas carentes;
- 2) os meios de comunicação se apresentam no cotidiano das pessoas alcançando-as em diferentes níveis e planos, entre os quais se elaboram sinergias, complementaridades, tensões, influências, sintonias, distonias;
- 3) a partir dessas premissas, compete ao educador conhecer e utilizar os meios, com vistas à consecução de objetivos didático-pedagógicos previamente definidos nos planejamentos escolares;
- 4) para tanto, os educadores requisitam ser (in)formados com vistas ao desempenho mais proficiente do que deles espera a sociedade, o que implica, hoje, ter maior domínio dos múltiplos aspectos que circundam os meios de comunicação e suas linguagens.

4. Este item referente à estrutura segue, com ajustes solicitados pelo tempo, o que foi formulado no documento intitulado "Regulamento do Laboratório do Curso de Gestão", no interior do qual estão as normativas que deveriam reger a revista. Trata-se de documento discutido pelo já referido grupo fundador do periódico, tendo recebido colaboração da secretária Sandra Caixeta e ajuste final de redação da professora Maria Aparecida Baccega.

Considerávamos que o conhecimento acerca das dinâmicas comunicativas passava por vários caminhos, dentre os quais podem ser destacados: aprender/ensinar como se fazem, se produzem, entram em circulação e se recebem as mensagens disponibilizadas pelos diferentes dispositivos de comunicação. Nesse contexto, temas como os da leitura crítica, da educação para os meios, da atenção para as inovações tecnológicas, das culturas midiáticas, da compreensão das estruturas discursivas postas em circulação pelos veículos de comunicação, das mudanças das expectativas educacionais provocadas por alterações nos mecanismos sociotécnicos, deveriam estar no centro das atenções da revista.

Em seu projeto editorial, *Comunicação & Educação* definiu como público prioritário: professores dos diferentes graus de ensino; diretores e dirigentes de instituições públicas e privadas voltadas à educação; profissionais da área de comunicação, compreendidos os produtores, diretores, roteiristas, editores, jornalistas, sobretudo os vinculados às redes educativas; estudantes das áreas pedagógicas, educacionais, comunicacionais, graduandos, pós-graduandos; gestores que atuam no campo abrangido pela Educomunicação, hoje com forte inserção no terceiro setor.

A revista é editada por um (no momento dois) professor do Departamento de Comunicações e Artes. Existe uma Comissão de Publicação, responsável última pelo recebimento e aprovação para encaminhamento aos pareceristas que emitirão juízo acerca da pertinência, qualidade e autenticidade do material a ser publicado. A Comissão de Publicação deve ser formada por docentes do Departamento de Comunicações e Artes, possuindo função executiva, e a ela compete:

- 1) reunir-se quando convocada pelo seu presidente ou pelo Conselho Editorial;
- 2) elaborar normas, roteiros para os analistas e outros documentos;
- 3) definir cronograma das atividades de cada número da revista;
- 4) receber os trabalhos do Conselho Editorial, encaminhá-los à revisão de português e do *abstract* em inglês;
- 5) auxiliar o Conselho Editorial na elaboração do plano financeiro e na obtenção de recursos para atividades que se constituam em torno da revista;
- 6) encaminhar material para edição;
- 7) divulgar.

O Conselho Editorial é constituído pela Comissão de Publicação e docentes/especialistas na interface comunicação/educação da Universidade de São Paulo e de outras instituições acadêmicas brasileiras e estrangeiras. Compete ao conselho:

- 1) representar a revista junto ao Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP;
- 2) definir, juntamente com a Comissão de Publicação, prazo para entrega do material a ser publicado;
- 3) receber o material e fazer a seleção prévia dos trabalhos;

- 4) encaminhar os trabalhos aos pareceristas;
- 5) analisar os pareceres emitidos;
- 6) devolver para o autor o trabalho que necessita correção ou que foi recusado pelos pareceristas;
- 7) receber os trabalhos dos pareceristas e encaminhar à Comissão de Publicação, caso não haja correção a ser feita;
- 8) coordenar os trabalhos da Secretaria, juntamente com a Comissão de Publicação.

Do Conselho Editorial deve fazer parte um grupo de colaboradores internacionais de reconhecido trabalho no âmbito de abrangência da revista.

Comunicação & Educação comporta as seguintes seções permanentes:

- 1) editorial: expressa o ponto de vista dos editores sobre os temas apresentados em cada edição;
- 2) apresentação: artigo que inter-relaciona as colaborações das várias seções, as quais configuram o conteúdo de um número;
- 3) artigos nacionais: de autoria de educadores, comunicadores e pesquisadores envolvidos com os temas da comunicação/educação;
- 4) artigos internacionais: publicação de estudos produzidos no exterior, de repercussão internacional. A revista conta com a exclusividade da tradução para a língua portuguesa dos trabalhos publicados na *Communication Research Trends* sob a responsabilidade do Centre for the Study of Communication and Culture, de Saint Louis, EUA;
- 5) curso de especialização em Educomunicação: Comunicação, Mídias e Educação. Seção na qual se publicam sínteses dos melhores projetos desenvolvidos por especialistas formados pelo Curso de Especialização em Educomunicação: Comunicação, Mídias e Educação. O texto é de autoria e iniciativa dos cursistas;
- 6) entrevista: com personalidades nacionais e estrangeiras que se destacam por seu envolvimento com projetos na área de interesse da revista;
- 7) crítica: reflexões acerca da produção posta em circulação pelas diferentes mídias; aqui podem entrar livros, filmes, programas de rádio ou televisão etc.;
- 8) depoimento: seção escrita por profissionais que trabalham diretamente com os meios de comunicação, descrevendo, por exemplo, como foi feita determinada propaganda, como é produzida uma novela, como se dá a elaboração de um jornal diário ou de uma revista (de notícias ou em quadrinhos etc.), como se formata e divulga um livro, ou como se realiza um programa de rádio etc.;
- 9) experiência: relato de atividades no campo da comunicação/educação, efetivadas no interior do sistema formal e/ou não formal de educação. O relato é redigido pelo professor e/ou educador (pais, diretores de escola, coordenadores e orientadores pedagógicos etc.);

- 10) seção de poesia: publicação e comentário de poemas que podem ser trabalhados por docentes em sala de aula;
- 11) resenhas: apresenta e comenta livros, artigos, filmes e demais produções referidas a temas de comunicação e educação, alcançando, especificamente obras de comunicação/educação, telenovela brasileira, videografia;
- 12) atividades em sala de aula: propostas acerca de como utilizar os trabalhos publicados na *C & E* tendo em vista possíveis usos pedagógicos nos espaços educativos.

4. REPERCUSSÕES

Comunicação & Educação ocupa lugar especial no universo dos periódicos acadêmicos publicados no Brasil por, entre outras razões, estabelecer forte diálogo entre a pesquisa e os diferentes níveis e graus de ensino: ao mesmo tempo os textos decorrem de monografias, teses, investigações em andamento, e miram os leitores que trabalham em sala de aula e nos ambientes midiáticos sintonizados com as questões educativas. Isso cria uma circularidade que confirma, com evidências empíricas, a crescente importância da publicação. Os últimos boletins do portal de revistas Univerciencia.org, que serve como indexador de 21 publicações brasileiras do campo da comunicação, indica ser *Comunicação & Educação* a que recebe maior número de acessos, visitas e *downloads*. O periódico foi incluído no indicador B, em diferentes estratos, do Qualis/Capes, em áreas de Ciências Sociais Aplicadas (I) Comunicação (extrato B2); Educação; Letras e Linguística; Sociologia, Ciências Agrárias (I); Interdisciplinar; Ensino; Ciências Biológicas (I). Em 2012, a pesquisa bibliométrica do grupo EC3 (Evaluación de la Ciencia y de la Comunicación Científica), da Universidade de Granada, na Espanha, após analisar 216 publicações internacionais com maior reconhecimento na área de comunicação – considerando o quesito de fonte bibliográfica para dissertações e teses –, incluiu *Comunicação & Educação* como uma das cem de maior impacto no mundo, com indicador Quantis 2 – escala de 1 a 4 –, sendo a quarta no Brasil. O EC3 se orientou pelo Google Scholar Metrics (2007-2012).

Comunicação & Educação vem produzindo, portanto, repercussões importantes em seu âmbito de trabalho, sendo o de maior evidência a criação da licenciatura em Educomunicação, que passou a funcionar em 2011 junto ao Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP. Ao longo dos 20 anos de existência, foram postos em circulação pela revista centenas de artigos afeitos à interface comunicação/educação, e, em período mais recente, vinculados de maneira direta à Educomunicação, aqui compreendendo questões teóricas, metodológicas, de pesquisa etc. Neste vetor, *C & E* funcionou como uma espécie de centro gerador e de amadurecimento de ideias que ajudou a sustentar o corpo argumentativo necessário para mostrar à Universidade de São Paulo a factibilidade e o sentido do novo curso.

A releitura do material publicado pela *Comunicação & Educação* ao longo do tempo permite identificar linhas de força que não apenas promoveram como vêm ajudando a consolidar o debate em torno da Educomunicação. Levantaremos, a seguir, referências a partir das quais é possível vislumbrar um programa mínimo para a ampliação do debate acerca das relações comunicação/educação e que, de alguma forma, circularam pelos textos da revista⁵:

- 1) Ajuste de projeto. Assim como predicaram Anísio Teixeira e Roquette-Pinto⁶, é preciso contemplar uma visão ampla de como e por que integrar a comunicação mediada – os sistemas e processos que, hoje, incluem televisão, rádio, jornal, internet etc. – ao ambiente educativo. Cabe indagar, portanto, se temos um projeto abrangente que pressupõe a necessidade de situar as questões comunicacionais em vínculos com a formação dos cidadãos, remetido o enunciado, para o que interessa no momento, ao terreno da educação formal, informal e não formal. Entender o que são os meios e como funcionam – que fins alcançam ou podem alcançar –, significa, em nosso entendimento, um desafio fundamental para se verificar as nuances organizativas da vida associada em nosso tempo. A comunicação ganhou dimensão estratégica⁷ em um mundo cada vez mais interconectado e dependente das redes digitais, dos trânsitos de informações, dos conhecimentos compartilhados. Frente a quadro de tal magnitude não basta reiterar a necessidade de levar o debate da comunicação à escola ou mesmo fazer uso das potencialidades dos meios para ampliar as atividades educativas, sendo forçoso perguntar como tudo isto ganha articulação tendo em vista a sociedade que se deseja construir.
- 2) Sujeito na história. Desde que Walter Benjamin enunciou em seus escritos parisienses que a modernidade estava constituindo novos sentidos, tal ideia vem ganhando aberturas. Aqui se incluem temas afeitos às novas sociabilidades, sensibilidades, modos de ver, perceber, indicando distintas rotas para as relações ensino-aprendizagem. Ainda que não esteja em nosso escopo indagar sobre as dimensões ontológicas do ser, cabe asseverar que existem outras maneiras de os sujeitos verem e se verem frente à história. Se há maior ou menor racionalidade e mesmo compreensão política do que está em jogo na relação entre o sujeito e as circunstâncias do mundo e mesmo nos vínculos entre os próprios sujeitos, é matéria que deve merecer outro espaço de reflexão. O aspecto tangível reside no fato de que os vários temas elencados pela alta modernidade (supramodernidade para uns, pós-modernidade para outros) indicam a presença de quadros referenciais que forcem os limites demais restritos de certos parâmetros filosóficos, políticos, científicos. Os novos configuradores cronotópicos, as migrações entre o real e virtual, os imperativos tecnológicos, indicam, enfim, a existência de desafios em permanente reatualização, alguns deles com presença garantida em boa parte dos debates intelectuais, das matérias na imprensa, das temáticas fílmicas e literárias: basta verificar o conjunto

5. Parte desta sistematização está publicada em: CITELLI, Adilson. *Comunicação e educação: convergências educacionais comunicativas*. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, ESPM, 2010.

6. Anísio Spínola Teixeira (1900-1971). Foi um dos principais educadores brasileiros, mentor do movimento Escola Nova. Recebeu influências de John Dewey e da chamada educação progressiva. Escreveu um dos primeiros textos sobre as relações do rádio com a educação: *Rádio Educação*. Edgard Roquette-Pinto (1884-1954). Médico, pesquisador, cientista, educador, polígrafo. Fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, hoje Rádio MEC. Produziu vários textos acerca do papel do rádio como instância educadora.

7. MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ibidem*.

de palavras-chave presentes em *papers* produzidos na área das Ciências Sociais Aplicadas para se aclarar a nossa assertiva; ali estão: redes sociais, digitalização, imaterialidade, o abrangente prefixo pós que se associa a diferentes complementos (humano, político, histórico etc.). Em tal roteiro, os temas afeitos à comunicação ganham destaque. E a educação como lugar (ou não lugar) institucional das formalizações e, eventualmente, da produção de saberes e conhecimentos é seguidamente avocada. Percebe-se, nesse contexto, o caráter imperativo da indagação sobre os novos modos de ser e estar no mundo, movimento que aciona, imediatamente, um conjunto de preocupações atinentes à interface comunicação/educação (por exemplo: jovens/mídia/escola; televisão/criança/valores morais; internet/leitura/; redes sociais/comunidades de conhecimento). Reside, aqui, um dos motivos pelos quais foram ativados estudos, pesquisas e mecanismos de intervenção social que vinculam os dois campos e cuja tradução recebe o nome de mídia-educação; *media literacy*; *comunicación y educación*; comunicação educativa, ou, simplesmente, conquanto em diapasão um pouco distinto de alguns dos designativos anteriores, educomunicação.

- 3) Políticas de comunicação e educação. Construir programas e projetos em comunicação e educação. Elaborar programas e projetos na área da Educomunicação implica refletir acerca das políticas mais gerais que regem tanto o âmbito da comunicação como o da educação. Vivemos em país com sofisticado aparato midiático, cujo escopo legal continua aguardando um debate qualificado acerca dos marcos regulatórios envolvendo internet, propriedade de veículos de comunicação etc. As pressões e conveniências da chamada indústria cultural, muitas delas abrigadas sob um difuso manto sagrado que tremularia ao simples lembrete de que as mídias devem atender a propósitos sociais, e não apenas aos determinativos das empresas de comunicação, configuram um quadro à espera de mudanças. Nesse cenário, não é suficiente apenas reiterar que os veículos de comunicação precisam estar na sala de aula. Trata-se de indagar de modo mais decisivo sobre um sistema que, ao ser legitimado pela escola, nela irá se legitimar. Logo, a constatação rasa de que a televisão, o rádio, a internet necessitam fazer parte da paisagem das salas de aula, afora ser óbvia, até mesmo porque tais dispositivos já estão completamente integrados à vida dos discentes e docentes, traz consigo a ingenuidade dos crentes que confiam a salvação da alma ao pastor espertalhão. Ao precedente requisito acerca da entrada das mídias na escola há que se vincular, sobre elas, perguntas do tipo: o que são, o que fazem, como se estruturam. Além de indagações envolvendo as estratégias comerciais da indústria de *hardware* e *software* que localizam nas salas de aula um gigantesco mercado, ademais em constante demanda, pois, como sabemos, a alma do negócio envolvendo os equipamentos, sobretudo na área da informática, é a obsolescência programada. E isto para ficarmos apenas

em alguns dos assuntos a serem enfrentados no interior das políticas de comunicação tendo em vista os ambientes educativos.

Por sua vez, o sistema no qual a educação formal encontra-se imersa registra singularidades e particularidades às quais o educador necessita estar atento. O Brasil tem uma gigantesca rede de ensino pública e privada. Dados preliminares do Censo Escolar Inep/MEC de 2013 mostram a existência de 40.366.076 estudantes matriculados apenas na educação básica das redes pública estadual e municipal. O censo do Inep/MEC de 2011 apontava 8.400.689 matriculados no ensino médio. No nível superior, o Censo Inep/MEC 2012, consignava a existência de 7.037.688 alunos, sendo 5.923.838 em cursos presenciais e de 1.113.850 de ensino à distância. A pós-graduação era responsável por 203.717 matrículas. O número de funções docentes supera os 2 milhões. Tais indicadores, aproximados alguns deles, servem para atestar a existência de uma instituição quantitativamente significativa, diversificada e de larga capilaridade no país. É desnecessário lembrar as mazelas aí existentes, que vão da crescente proletarização do professor às deficiências formativas dos discentes, muitos deles concluindo os ciclos iniciais do ensino fundamental sem domínio das quatro operações sequer prontidão para redigir um parágrafo coeso e coerente. Os especialistas em educação aduzem uma série de argumentos para mostrar as distonias qualitativas da escola, que incluem desde gastos insuficientes, da ordem de 5,1% do PIB, passando por motivos didáticos e pedagógicos (a escola continuaria transmissivista, ocupada apenas em oferecer informações e conteúdos, bancária, retomando a metáfora de Paulo Freire, em suas práticas, em desacordo com requisitos da sociedade contemporânea). Enfim, os diagnósticos estão à disposição de quem deseja conhecer mais a fundo o sistema formal de educação no país. Para os nossos interesses momentâneos, basta acrescentar que incluir, no contexto escolar, os estudos e as práticas vinculadas à comunicação implica também rever os próprios conceitos que circundam os processos educativos. Assim como não faz muito sentido pensar a comunicação à luz das teorias hipodérmicas, da reafirmação das práticas nem sempre comprometidas com os interesses da cidadania, com o regime de capitâneas hereditárias que circundam o universo empresarial das mídias, igualmente não existe razão para se promover continuidade de perspectivas educacionais orientadas no diapasão instrucional, que opera o conhecimento nos limites da regulação. Enfim, ter em mira os referenciais que servem para formular as políticas de comunicação e educação é requisito do qual a Educação não pode se afastar ou esquivar.

- 4) Lugar das tecnologias. É dispensável ampliar observações sobre o significado das tecnologias na vida de todos nós, motivo pelo qual seria estranho imaginar que fossem elas “um outro” com relação à escola. Até porque docentes e discentes já convivem e mobilizam, em seus cotidianos, várias tecnologias da informação e da comunicação, bastando

lembrar os casos do celular ao computador. Ademais, existem pressões vindas dos mais diversos setores da sociedade no sentido de que os ambientes educativos coloquem em movimento programas de trabalho mais ajustados aos desígnios destes tempos circundados por dispositivos técnicos. O problema central não é, portanto, o de estreitar vínculos entre dinâmicas comunicativo-tecnológicas e as salas de aula, mas fazê-lo sob uma égide não instrumental – aquela que ao se encantar com as máquinas perde a dimensão dos significados sociais, culturais e históricos nelas embutidos. Para tanto, a entrada na escola, por exemplo, do computador, pede integração, ao mesmo tempo, a projetos pedagógicos consistentes e a um tratamento desreificado dos próprios equipamentos, suportes, dispositivos a serem postos à disposição dos discentes. O lugar das tecnologias na escola – e mesmo para o chamado ensino a distância – deve ser aquele voltado aos interesses de uma educação anteriormente definida como emancipadora, capaz de facultar autonomia de pesquisa e, sobretudo, reconhecimento do sujeito no mundo.

- 5) Entendimento da educação para o futuro. Está fora dos nossos propósitos especular diretamente acerca do que pode ser a educação para o futuro⁸. Cabe, contudo, registrar entre os desafios envolvendo os vínculos comunicação/educação, um tópico que aponte determinada dimensão do problema. Referimo-nos ao que vem sendo chamado de educação para os meios de comunicação. Em contexto no qual a comunicação manifesta dimensão estratégica, lugar de centralidade, tudo passa por ela. Incluem-se, aqui, desde os planos afetivos (a internet, por exemplo, se tornou fonte para o encontro da cara-metade), as trocas de informações, a construção de redes sociais, a eleição de candidatos, as crises financeiras, a localização do carro nos labirintos da cidade etc. Esse universo, ou ao menos parte dele, diz respeito às novas maneiras como nos relacionamos com a experiência humana em determinada fase da sua história. Trata-se, portanto, mais do que apenas constatar o fato de as tecnologias existirem e poderem ser acionadas por usuários. Entender como se elabora o compósito entre dispositivos e sentidos por eles e neles construídos é matéria decisiva para que os sujeitos conheçam e se reconheçam no interior de um mundo cifrado pela complexidade. Daí decorre a afirmativa segundo a qual um dos objetivos da Educomunicação, da Comunicação/Educação, é ativar procedimentos voltados à educação para os meios. Neste caso, falamos não apenas de leitura crítica da comunicação, mas de um âmbito reflexivo mais abrangente, de sorte a nele incluir tópicos, itens, subitens que, de alguma maneira, facultem à escola animar programas de trabalho que franqueiem aos jovens acesso menos ingênuo ao mundo da comunicação. Entre tais tópicos, o inglês David Buckingham especifica: linguagem, público, instituição e representação⁹. Cada um deles, e as suas relações internas, facultam observar de maneira mais detida como a comunicação – enquanto fenômeno estratégico – elabora vínculos e impacta nos

8. Edgar Morin dedicou-se a escrever acerca destas dimensões prospectivas da educação incluindo-a no interior da chamada Teoria da Complexidade. Entre os seus vários títulos dedicados ao assunto, ver: *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000; *Religando os saberes. Educação para a era planetária*. São Paulo: Cortez, 2003.

9. Do autor, ler: *Children Talking Television. The Making of Television Literacy*. Londres: The Falmer Press, 1993; *Media Education: Literacy, Learning, and Contemporary Culture*. Cambridge: Polity Press, 2003.

- andamentos da vida associada. Estar apto para apreender este processo é uma variável extremamente relevante quando se busca educar para o futuro.
- 6) Dimensões discursivas. Há um elemento fundamental compondo os processos comunicativos: as linguagens. O potencial oferecido pelos distintos dispositivos que fazem parte dos sistemas comunicacionais trouxe consigo a possibilidade tanto de cruzamento dos signos e códigos diferentes como de elaborar mensagens diversificadas. Os discursos verbais e não verbais, as hipertextualidades, as estratégias de interconectividade, para ficarmos nalguns marcadores, permitem à representação/construção de valores, conceitos e ideias circular pelos vários suportes de comunicação, às vezes de maneira inusitada, mas o que resulta em aberturas para novas formas de ler, compreender, sentir, perceber, produzir. Este caráter multidimensional dos discursos pode estar assentado no telefone celular, na televisão, no computador ou na convergência entre eles, descortinando uma realidade alvissareira para o mundo da educação. Certamente não se está diminuindo a importância e o significado dos discursos verbais quando o assunto diz respeito a determinadas funções concernentes à escola, mas se intenta evidenciar um quadro plural dinamizador dos discursos. Parece claro que as textualidades colocadas em andamento pelos veículos de comunicação buscam realizar uma série de objetivos. Dentre eles, encontramos informação, sedução, encantamento, persuasão, convencimento, realidade editorada¹⁰ etc. Ou seja, a tela do cinema e da televisão, a página do jornal, o programa de rádio, o visor do celular, constituem mecanismos discursivos e estratégias de linguagem cujas dinâmicas merecem reconhecimento sistemático dos processos de ensino-aprendizagem que ocorrem nos espaços educativos formais. Preferimos não restringir o problema em pauta ao conceito de alfabetização midiática¹¹, conquanto seja possível englobá-lo no permanente desafio para se apreender as múltiplas dimensões discursivas postas em movimento pela comunicação contemporânea. O desiderato, aqui, não diz respeito apenas à alfabetização (termo cuja propriedade requisitaria melhor esclarecimento no presente contexto) midiática, mas ao entendimento de que falamos de um mundo no qual ocorre ampla redefinição do sensorio, das vivências culturais, das aprendizagens, das habilidades para se trabalhar com os novos sistemas de codificação. E, para isso, um projeto que vincule o debate sobre circulação discursiva à interface comunicação/educação pode trazer importante contributo às dinâmicas educativas.
- 7) Formação docente. Um dos problemas que emergem quando se vincula comunicação/educação é o da maneira como os professores estão sendo preparados, ou já se prepararam, para o exercício do magistério, tendo em vista as demandas sociais resultantes da crescente presença das linguagens complexas, videotecnológicas e dos modos diferenciados de organizar e disponibilizar o conhecimento e a informação. Já não se trata mais de reiterar processos formativos ancorados na razão instrumental, no reprodutivismo

10. Vários autores vêm tratando dos processos de editoração da realidade pelos meios de comunicação. Dentre eles, ver: BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação & Educação: do mundo editado à construção do mundo*. **Comunicação & Educação**. São Paulo, Moderna/CCA-ECA-USP, 1999.

11. MEYROWITZ, Joshua. *As múltiplas alfabetizações midiáticas*. Porto Alegre: Faneccos, 2001.

bacharelesco, no conteudismo mnemônico, mas de afirmar a perspectiva continuada da aprendizagem. Vale dizer, está em jogo avivar os sistemas e processos que interconectem o conhecimento, fugindo daquilo que Neil Postman¹² chamou de educação paroquial, aquela limitada aos recortes de fundo tecnocrático – seja ele mais ou menos proficiente.

Os professores deixarão de ser doadores de informações entrando no território dos facilitadores do aprendizado, passando a conviver de maneira cada vez mais ampla e generalizada com as tecnologias da informação e da comunicação. Tal consciência existe e a maioria dos docentes em serviço espera, hoje, programas de formação continuada que os auxiliem a acertar o passo dialógico com as demandas diferenciadas dos alunos, quase sempre vindas das áreas da imagem, da informática ou, genericamente, dos meios de comunicação. Os requisitos para a formação continuada e os evidentes apelos dirigidos à diversificação das estratégias tradicionais dos cursos de licenciatura não se revelam apenas nos quadros positivos das pesquisas que temos realizado, mas se apresentam nos crescentes pedidos por atividades que facultem aos professores o acesso às novas linguagens da comunicação. Talvez decorra dessa dinâmica o fato de estarem entrando em funcionamento, nas instituições brasileiras de ensino superior, cursos de bacharelado e licenciatura em Educomunicação, a exemplo, respectivamente, da Universidade Federal de Campina Grande e da Escola de Comunicações e Artes da USP.

5. CONCLUSÃO

Um dos problemas colocados ao conhecimento científico envolve o desenvolvimento de estratégias que permitam a divulgação dos resultados, ou seja, o circuito entre a pesquisa e o debate processados no âmbito acadêmico e a sociedade deve ser continuado por dispositivos capazes de conectar universidade e cidadania. Ao longo desta exposição, procuramos demonstrar que projetos editoriais consistentes têm condições de servir ao mesmo tempo como difusores de conhecimento e agentes de intervenção em determinados sistemas, em nosso caso os da comunicação e da educação, frutificando ideias e permitindo a implantação de trabalhos inovadores.

A partir das sínteses e considerações acerca da estrutura editorial e dos textos publicados pela *Comunicação & Educação* foi possível verificar a trajetória de uma experiência de 20 anos voltada a garantir viabilidade nos diálogos entre as inquietações suscitadas aos pesquisadores pelos quadros sociotécnicos e as demandas motivadas pelas novas formas de ser e conhecer que marcam o nosso tempo. Daí as análises e comentários processados em registro de síntese acerca dos textos postos em circulação pela revista e que revelam como temas, problemas, dispositivos das áreas da Educação e da Comunicação vivem cada vez mais próximos, seja resguardando singularidades, seja registrando tensões internas, seja promovendo sinergias.

12. O fim da educação.
Rio de Janeiro: Graphia,
2002.

REFERÊNCIAS

- APARARICI, Roberto (coord.). **Educomunicación: más allá Del 2.0**. Barcelona: Gedisa, 2010.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/Educação e a construção de nova variável histórica. **Comunicação & Educação**. São Paulo: Paulinas/CCA-ECA-USP, 2009.
- CASTELS, Manuel. **A sociedade em rede**. Lisboa: Colouste Gulbenkian, 2002.
- CITELLI, Adilson; COSTA, Cristina. **Educomunicação. Construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- CITELLI, Adilson. Comunicação e educação: convergências educacionais. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, ESPM, 2010.
- _____. Linguagens da comunicação e desafios educacionais. **Comunicação & Educação**. São Paulo: Paulinas/CCA-ECA-USP, 2010.
- _____. **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____. **Comunicação e educação. A linguagem em movimento**. São Paulo: Senac, 2000.
- COMUNICAÇÃO & EDUCAÇÃO. São Paulo: Moderna/Segmento/Salesianas/Paulinas/CCA-ECA-USP. Vários números.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Heredando el futuro. Pensando la educación desde la educación. **Nómadas**. Bogotá: Universidad Central, 1996, n. 5.
- MEYROWITZ, Joshua. **As múltiplas alfabetizações mediáticas**. Porto Alegre: Faneccos, 2001.
- OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **Televisión, audiencias y educación**. México: Norma, 2005.
- POSTMAN, Neil. **O fim da educação**. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.
- PRENKY, Marc. **Don't Bother me Mom. I'm Learning**. St. Paul: Paragon House, 2006.
- JOHNSON, Steve. **A cultura das interfaces**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001.
- SETTON, Maria da Graça. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2010.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2012.